



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória
Comunicação Oral

**INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E PROCESSOS CURATORIAIS:
DISRUPÇÕES E DIAFANIZAÇÕES NOS MUSEUS DE HISTÓRIA
NATURAL¹**

***INFORMATION, MEMORY AND CURATORIAL PROCESSES:
DISRUPTIONS AND DIAFANIZATIONS IN NATURAL HISTORY
MUSEUMS***

Sabrina Damasceno Silva, UFRJ
sabrinamuseu@gmail.com

José Mauro Matheus Loureiro, UNIRIO
jmmloureiro@gmail.com

Resumo: O conceito de curadoria e seus heterogêneos significados nas diferentes áreas do conhecimento e espaços de preservação da memória é tratado conforme os resultados evidenciados em tese de doutoramento.. Aponta para um ponto de convergência, especificamente nas instituições museológicas, que se encontraria presente em meio a essa diversidade, representado em uma figura decisória (o especialista), possuidora de *expertise*: o curador. Os processos curatoriais no interior dos museus de história natural determinam a formação, gestão e comunicação pública da ciência por meio das evidências materiais do mundo sensível. Tais processos são analisados à luz das conceituações foucaultianas acerca do “dispositivo”, percebido como uma rede de relações que se estabelece entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regimentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito. Tal perspectiva permite a reflexão acerca dos fluxos informacionais presentes no cotidiano desses museus de história natural.

Palavras-chave: Informação. Curadoria. Dispositivo. Museus de História Natural. Disrupção.

Abstract: The concept of curatorship and its heterogenic meanings in different areas of knowledge and space of memory preservation, is presented as result of doctorate thesis. There is, although, a point of convergence, specifically in museological institutions, represented in a decision-making specialist, a researcher owner of expertise. The curatorial process in natural history museums determinate the formation, management and science public communication, through its material evidences of sensible world. Our propose is consider the curatorial processes in view of concepts of Michel Foucault,

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

specially the “dispositive”, that is structured for a heterogenic ensemble of discourses, institutions, architecture forms, laws administrative measure, scientific enunciations, moral and philanthropic proposition, what is said and the unsaid. That perspective allows reflection about informational flow that integrates part of daily of these museums of natural history.

Keywords: Information. Curatorship. Dispositive. Natural history museum. Disruption.

1 INTRODUÇÃO

Os espaços museológicos destinados à história natural intentam proporcionar à sociedade em geral a compreensão das interpretações da ciência moderna acerca da natureza e dos artefatos dos diversos grupos sociais humanos. Para tanto, são empregados processos curatoriais cujos *expertises* definem o que pode ser enunciado nas exposições museológicas fazendo prevalecer, consequentemente, o discurso do especialista e os discursos verticalizados. A fim de refletir acerca dos elementos que subjazem a essas práticas adotamos o aporte teórico, em especial o conceito de “dispositivo”, da obra de Michel Foucault. Essa opção permite-nos analisar as disrupções, novas emersões curatoriais por meio de “formações discursivas²” formuladas por especialistas e voltadas para o visitante, sendo esta uma das especificidades dos museus de história natural

Objetivou-se na tese refletir acerca dos processos curatoriais que se desenvolvem nestas instituições, os procedimentos de validação dos sujeitos curadores e suas heterogêneas concepções de curadoria. A reflexão sobre o processo de estabelecimento do que pode ser dito, enunciado nas exposições museológicas, utilizando o aporte teórico, em especial o conceito de “dispositivo”, da obra de Michel Foucault. A cada disrupção, nova emersão curatorial, novos processos informacionais institucionais relativos à curadoria se configuram gerando diferentes quadros de saber/poder.

Importa perceber os princípios que subjazem aos processos de construção de significados e os diferentes acionamentos de sentidos no interior das exposições museológicas tendo em vista serem construções heterogêneas, complexas e em permanente transformação frente aos seus contextos socioeconômicos e culturais.

2 CURADORIA: MÚLTIPLOS PROCESSOS DE ORDENAÇÃO DA INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

Na atualidade há uma grande mancha semântica que acompanha o termo curadoria, nos diferentes entendimentos em tipologias de espaços de memória, até mesmo no âmbito de acervos digitais. Como interseção entre as heterogêneas concepções encontra-se a presença de

² As conceituações foucaultianas utilizadas serão explicitadas no item 4 deste texto.

um sujeito enunciativo, uma figura decisória, configurada no especialista, pesquisador, *expertise*, cientista, aquele que detém o conhecimento e é capaz de estabelecer uma seleção, ordenação para uma melhor preservação – aqui entendida latu sensu, não só do ponto de vista da conservação da materialidade, mas igualmente das práticas informacionais relacionadas, bem como eventualmente a restauração - visando a pesquisa e a divulgação do conhecimento. Esse curador não necessariamente pertence aos quadros institucionais, mas é sempre um especialista em determinada temática e é validado pelos pares curatoriais do museu.

A curadoria enquanto conceito apresenta-se como desafio, em função de sua heterogeneidade de aplicações em diversas áreas do conhecimento,

[...] o conceito de curadoria surgiu influenciado pela importância da análise das evidências materiais da natureza e da cultura, mas também pela necessidade de tratá-las no que corresponde à manutenção de sua materialidade, à sua potencialidade enquanto suportes de informação e à exigência de estabelecer critérios de organização e salvaguarda. Em suas raízes mais profundas articulam-se as intenções e os procedimentos de coleta, estudo, organização e preservação, e tem origem as necessidades de especializações, de abordagens pormenorizadas e do tratamento curatorial direcionado a partir da perspectiva de um campo de conhecimento [...] (BRUNO, 2008, p. 27)

Essa conceituação foi se alterando no decorrer do tempo e, mesmo hoje, há diferentes concepções em lugares, instituições, regiões ou países diferentes. Não raro, em uma mesma instituição encontramos distintas formas de entender curadoria. Ulpiano Bezerra de Meneses (1986, p.25-42) entende que o conceito de curadoria perpassa um ciclo completo de atividades relativas ao acervo,

[...] compreendendo a execução e/ou orientação científica das seguintes tarefas: formação e desenvolvimento de coleções, conservação física das coleções, o que implica soluções pertinentes de armazenamento e eventuais medidas de manutenção e restauração; estudo científico e documentação; comunicação e informação, que deve abranger de forma mais aberta possível, todos os tipos de acesso, apresentação e circulação do patrimônio constituído e dos conhecimentos produzidos, para fins científicos, de formação profissional ou de caráter educacional genérico e cultural (exposições [...], publicações, reproduções, experiências pedagógicas, etc. (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1986, p. 27).

O que primeiramente seria uma sequência operatória linear pode ser percebido a partir de uma visão cíclica, onde todas as partes do processo curatorial são interdependentes. A consolidação da curadoria como um conceito relacionado a processos de ordenação e preservação possibilita a reflexão acerca da figura do curador, entendido como aquele que detém o conhecimento especializado validado por seus pares ou instituições para estabelecer

como determinada ordem será elaborada, porque e em que contextos “enunciados” serão produzidos acerca de determinados acervos, bem como quais serão reproduzidos e como comporão “formações discursivas” e por sua vez, “discursos”.

De alguma forma o curador igualmente poderia então ser um “meta-enunciador”, no sentido em que trabalharia com coleções já classificadas, informações já enunciadas anteriormente em exposições, objetos que já foram escolhidos e significados anteriormente. No entanto, a cada novo processo curatorial expositivo um novo contexto enunciativo de irrupção se forma para que seja gerada aquela demanda de mudança e cabe ao especialista permanecer com os mesmo enunciados anteriores, repeti-los ou estabelecer novos, agregando novos entendimentos da ciência acerca de determinada temática, como esta será divulgada e sob que meio info-estético.

Diversos autores (OBRIST, 2010, p. 14; HOPPS, 2010, p. 46; HÚLTEN, 2010, p. 55) consideram que uma das principais questões no que tange a essa temática está na definição do que exatamente consiste a prática de curador. De certo modo, a verdadeira razão de ser do curador permanece, em grande medida, indefinida. Não se distingue nenhuma metodologia real ou legado claro, apesar da atual proliferação de estudos sobre curadoria (OBRIST, 2010, p. 14). Seu papel aparece embutido em profissões preexistentes relacionadas aos diversos museus ou centros culturais. Os limites da profissão de curador são fluidos.

A curadoria seria um processo que possui uma preponderância institucional, um conjunto de práticas que se conecta e se estabelece temporalmente porque a rede que ela mobiliza pede uma sequência ou uma espécie de futuro, de preocupação com o devir (ALVES, 2010, p. 50). Realizada em sua maioria a partir das seleções do curador, do que este explicitou, assim como do que permaneceu silenciado, a exposição de contradições deve ser bem-vinda pois circuitos expositivos possuem pouco espaço para conflitos. “O perigo está justamente quando as diferenças são escamoteadas e um pensamento homogêneo e totalizador se pretende como final de uma história” (ALVES, 2010, p. 54).

Os museus de história natural conferem uma importância central à apresentação dos resultados da investigação, na medida em que exibem os objetos recolhidos e organizados segundo classificações, interpretações e teorias em voga (DELICADO, 2009, p. 83). A estruturação das exposições segundo critérios tipológicos, evolutivos ou ecológicos, espelha as concepções teóricas dominantes nas disciplinas (STOCKING, 1985; KNELL, 1996; PANESE, 2003). A informação disponibilizada em legendas e painéis sobre cada espécime é baseada em investigação previamente realizada no cotidiano de pesquisa institucional.

Os curadores de maneira geral, no que se refere à representação da ciência nas exposições, tendem a utilizar predominantemente uma enunciação historicizada da ciência centrada em figuras do passado ou estereotipada, centrada em ideais-tipo da cultura popular, mas podem ser identificados já alguns exemplos de imagens de cientistas atuais e em atividade. Não se encontra nas exposições, porém, informação sobre carreiras científicas, as formas de recrutamento, formação e controle, o funcionamento de instituições de investigação ou a estrutura do sistema científico (VINCK, 1995, p. 42). Se uma das argumentações acerca da finalidade destes museus for despertar vocações científicas nos jovens (GREGORY; MILLER, 1998, p. 200), essa omissão é relevante para uma reflexão.

3 COMUNICAÇÃO SOCIAL DA CIÊNCIA E APORTE DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

No caso da sistematização, alguns estudos exploram a análise da informação (em um) como um ciclo, desde sua emergência até sua organização e uso. Esta percepção considera que o processo informacional pode ser gerido direta ou indiretamente em diferentes fases de seu curso. A gestão, não necessariamente denota um estado total de controle, mas a capacidade de direcionar, guiar e antecipar sinergias e dissonâncias nas interações entre humanos e informação (HUVILA, 2006, p.11).

O processo de organização da informação é fundamentalmente como uma sequência organizada de interações informacionais com propósitos específicos. Segundo o autor, as finalidades podem ser de heterogêneas potencialidades, implícitas ou explícitas, relacionadas com a vida cotidiana ou meramente com a vida profissional do sujeito. Essas interações não necessariamente seguem a sequência de produção, aquisição e uso. Por outro lado, a complexidade, ambiguidade, volatilidade e situacionalidade das mesmas e das interações individuais tendem a fazer o gerenciamento dos processos informacionais mais difíceis, mas necessários no que tange às suas formas de validação (HUVILA, 2006, p. 2).

Os diferenciais pragmáticos da informação, resultantes de diversas gramáticas socioculturais, acabam por se desdobrar em uma diversidade de mediações e linguagens, ainda que cada vez mais sujeitos “a janelas tecnológicas que sobrecodificam suas possibilidades e limites de geração e transmissão” (HUVILA, 2006, p. 25).

As instituições de memória e informação denominadas em alguns estudos pela sigla ALMs (*Archives, Libraries and Museums*) nas últimas duas décadas do século XX obtiveram um crescimento no interesse (TRANT, 2009, p. 369). Mudanças culturais enquanto impacto nos usuários dessas instituições foram considerados em estudos anteriores (HOLMBERG,

2009 *et al.*; RIDOLFO, HART-DAVIDSON, McLEOD 2010; SRINIVASAN *et al.*, 2009) apontando demandas de transformação de alguns de seus aspectos tradicionais de formatação institucionais. A questão apontada pelos autores refere-se à necessidade de mudança do foco nos estudos informacionais do usuário ou visitante para os profissionais, de que forma os fluxos da informação ocorrem no interior dessas instituições, quais são as problemáticas e como esses profissionais entendem o seu papel como pesquisadores e comunicadores da informação (JULIEN; GENIUS, 2011; USHERWOOD, WILSON, BRYSON, 2005).

Retornando a um possível enfoque da teoria documental, Bates (2006, p. 1033) apresenta a conceituação da diferença da natureza e tipos de documentos dessas instituições da ALM como informações publicadas (bibliotecas), não-publicadas (arquivos), selecionadas e incorporadas (museus). E ao levar em consideração as heterogeneidades das coleções, a autora reflete acerca das relações entre as disciplinas e os interesses comuns que as colocariam juntas sob a denominação ALM. O elo estaria justamente nos objetos, que seriam de interesse social de pesquisa, aprendizado e entretenimento, e deveriam ser tornados disponíveis para o público. Sua sugestão é de que as disciplinas que envolvem as instituições da ALM, os estudos de arquivos, bibliotecas e museus podem ser descritos como “disciplinas de coleções” (BATES, 2006, p. 1033).

Sob a análise de Huvila (2013, p. 11) museus são instituições informacionais; entretanto, os estudos e trabalhos referentes à informação encontram-se mais inseridos em um foco na memória institucional e das coleções. Há uma ênfase menor no entendimento dos processos de elaboração das formas de circulação interna da informação nesses ambientes institucionais.

Os limites relacionados às coleções museológicas no que se refere à representação das perspectivas materiais e simbólicas das diversas culturas são questionados ainda a partir de seus critérios de coleta, organização e disseminação da informação. A aplicação das pragmáticas ordenadoras da informação nesse tipo específico de documentos a fim de instituir suas fronteiras, possibilidades e interfaces é muitas vezes comprometida no instante mesmo da coleta em seus contextos originários e posteriormente em sua inserção no interior das coleções. Do mesmo modo, as atividades relacionadas à sistematização de informações restringem os múltiplos planos de representação por meio de operações reguladoras da ordem dos significados e sentidos. Intenta-se homogeneizar múltiplas e heterogêneas informações advindas de origens diversas em linhagens, sequências e temporalidades construídas a partir de valores e classificações estruturadas na racionalidade moderna.

A ciência, que algumas vezes percebe-se como definitiva, possui relações internas que garantem estabilidade e capacidade para assimilar mais informações, aquilo que para Medawar (2008, p. 10) vem a ser, ou pretende ser, ordenada. Em função disso, os discursos da verdade, pensados sobre uma trajetória histórica, possibilitam perceber diferentes correntes do pensamento ocidental. Todavia, a história da ciência teria um papel estratégico para se compreender os processos de modernização da sociedade, sendo papel do historiador da ciência explorar as relações estabelecidas entre ciência, cultura e o seu tempo (MEDAWAR, 2008).

A “verdade científica” seria para Medawar (2008, p. 10) concebida muitas vezes como um objetivo do trabalho científico e pertencente a uma tradição da comunidade científica, mas não se deve desconsiderar que nenhuma certeza é irrefutável ou além do alcance das críticas (MEDAWAR, 2008, p.10).

Assim como qualquer prática, para Medawar (2008, p. 16), a ciência procede somente numa base de confiança. Isto é, desde que os cientistas não suspeitem de práticas desonestas e acreditem uns nos outros. Há uma tendência de que o conhecimento científico esteja cada vez mais passando por um processo de unificação sem perder suas especificidades.

Em certa medida, o isolamento disciplinar não permitiria uma difusão da ciência e a possibilidade de sua popularização, além de enfraquece a sua comunicação (MEDAWAR, 2008, p. 16). Esta concepção faz-se importante para a reflexão sobre os cientistas/pesquisadores/ *expertises* que são curadores, uma vez que estes são justamente especialistas que, embora muitas vezes não ocupem essa função por escolha própria ou institucional, mas por ser o único sobre determinada temática em alguns casos, vêm a se tornar o único docente pesquisador responsável por determinado acervo em um museu. Alguns passam a ocupar o cargo por escolha departamental e em todas as situações os curadores se destacam, ocupam um lugar diferenciado na comunidade científica. O que levaria a uma possibilidade de questionamento sobre a existência, mesmo que não formal, de uma “comunidade científica curatorial”.

Nos modelos de comunicação pública da ciência, a emissão de conceitos científicos para a sociedade em geral é abordada a partir da concepção de esferas, das quais se releva a principal, que se relaciona com os processos curatoriais e pressupõe uma comunicação de via única, onde o público ocupa o papel de mero receptor. Haveria uma transitividade e intransitividade presente no ato de comunicar. O significado transitivo de “comunicar” pode ser entendido como informar, transmitir ou persuadir um outro. O comunicar para Huergo

(2001) está relacionado com divulgar, haja vista que se supõe que a função do primeiro é transmitir algo que um especialista possui já construído.

Quando se trata de enunciações elaboradas por esses especialistas nos museus, curadores científicos ou não, na verdade essas enunciações se dão a partir de ordenações e escolhas de informações a serem disponibilizadas, selecionadas dentro de jogos de forças, onde o que se encontra em uma espécie de dimensão do processo curatorial, são construções sobre algo que já construído – a materialidade que constitui seus acervos e tem por finalidade representar os discursos de seleção, coleta, musealização, guarda e exposição.

No que se refere às possibilidades reflexivas trazidas pela Ciência da Informação, ao mesmo tempo em que entraram em crise estruturas epistemológicas da ciência moderna, este novo campo científico assumia parte do discurso construído a partir de resultados formalizados da produção de conhecimentos. A Ciência da Informação constitui-se como uma nova demanda de cientificidade e sintoma das mudanças em curso que afetaram a produção de conhecimento no ocidente (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000, p. 3).

Uma das vertentes da CI encontra-se nas reflexões acerca da Comunicação Científica, umas de suas especialidades, onde estão inseridas reflexões acerca da geração e transferência da informação científica, bem como da participação da sociedade nesses processos (LOUREIRO, 2000, p. 70). A Comunicação Científica compreende as ações vinculadas à produção, disseminação e uso da informação, desde a concepção que origina a pesquisa científica até sua aprovação como conhecimento científico (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000, p. 71).

A Divulgação Científica (DC), por vezes denominada também de “Popularização da Ciência” constitui-se de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral, possuindo condições de gerar deslocamento do cotidiano para uma esfera especificamente científica, permitindo o estabelecimento de uma relação entre a Difusão e as práticas informativo-culturais dos museus de ciência.

No decorrer da década de 1980, Christovão e Braga (1997, p. 33-45) propuseram um modelo de comunicação científica que distingue os processos de geração e transferência da informação, tornando-se alicerce para uma abordagem que passava a contemplar todos os espectros de difusão da informação, englobando a disseminação entre pares e divulgação da informação para o público leigo. Assim, a Difusão Científica englobaria a Disseminação Científica e a Divulgação Científica, usada como referência no trabalho aqui proposto.

Em última análise, seria um processo de transferência da informação, entendido aqui como um conjunto de ações sociais com que os grupos e instituições se organizam e

implementam a comunicação da informação, através de procedimentos seletivos que regulam sua geração, distribuição e uso (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1993, p. 217).

A DC possui em seus objetivos promover a aproximação do leigo ou não iniciado em ciência a alguns de seus princípios, produtos e implicações. Para tanto, são empregadas técnicas e métodos de recodificação da informação científica e tecnológica visando alcançar uma linguagem amplamente compreensível, através da utilização de meios variados de comunicação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1993, p. 219). Essa divulgação se projeta em variadas direções que vão além dos meios massivos de comunicação, podendo também perpassar, na concepção de Martínez (1997, p. 2) instâncias formais de educação, centros interativos de ciência e tecnologia chegando até à criação de espaços informais de participação e aprendizagem.

Cada vez mais a divulgação científica estaria se tornando “[...] uma recriação do conhecimento científico, para torná-lo acessível ao público” (SANCHEZ MORA, 2003, p.13) e estaria adquirindo um importante papel no contexto atual, o de “tentar reintegrar a ciência na cultura”. O processo de divulgação seria o de recriação do conhecimento científico buscando tecer interligações entre os dois mundos. Não haveria como desconsiderar que os processos de divulgação científica devem ser abordados como estratégicos e objetivam a transferência de informação evidenciando as práticas e produtos da ciência, legitimando e reforçando a cientificidade no âmbito político-social.

4 ENTRE AS PRÁTICAS DISRUPTIVAS: O CONCEITO DE DISPOSITIVO FOUCAULTIANO

A opção pela análise dos museus de história natural por meio do conceito de dispositivo baseia-se na possibilidade de perceber as singularidades desses espaços de elaboração discursiva. As práticas informacionais nesses espaços possuem diferentes relações de Saber/Poder onde se inserem as práticas curatoriais. Ressalta-se que parte do que se refere à questão informacional em espaços museológicos é naturalizada como parte da rotina de trabalho, sendo necessário refletir sobre os processos de transmissão e reprodução a partir de documentos e coleções dessas instituições (HUVILA, 2013, p.11).

O conceito de “dispositivo” foi adotado por englobar o complexo de relações composto por diferentes práticas discursivas e não discursivas. No que se refere ao deslocamento do interesse de Foucault por objetos estritamente discursivos para realidades não discursivas - práticas, estratégias, instituições etc. (REVEL, 2005, p. 41).

Agora, gostaria de mostrar que o que eu chamo de dispositivo é algo muito mais geral que compreende a episteme. Ou melhor, que a episteme é um dispositivo especificamente discursivo, diferentemente do dispositivo, que é discursivo e não-discursivo, sendo seus elementos muito mais heterogêneos. (FOUCAULT, 1979, p. 182).

O conceito de “dispositivo” é utilizado ao buscar nomear o complexo de relações composto por diferentes práticas discursivas e não-discursivas. No âmbito discursivo seria a composição do enunciável e o visível, palavras e as coisas, discursos, programas e arquiteturas, “formação discursiva” e “formação não-discursiva”. “Dispositivos” são formados por relações que estabelecem, misturam e geram sentidos na sociedade. (KLEIN, 2007, p. 215-216).

Nas conceituações foucaultianas o “dispositivo” é relacionado mais intensamente ao interrogar, tanto da natureza dos diferentes “dispositivos” que ele encontrou, quanto sua função estratégica caracterizando-se como

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. em suma: o *dito* e o não-dito [...]. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 1982, p. 89).

O autor delimitou três níveis de problematização³: um relativo ao que constitui o “dispositivo”, a rede de relações que pode ser estabelecida entre elementos heterogêneos (discursos, instituições, arquitetura, regimentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito). A natureza dessa rede⁴ estaria em um segundo nível, o vínculo que se pode estabelecer entre esses elementos heterogêneos e o nexos entre eles. Como exemplo, o autor cita que o discurso pode aparecer como um programa de uma instituição, como um elemento que pode justificar e ocultar uma prática, ou funcionar como uma interpretação *a posteriori* dessa prática e oferecer-lhe um novo campo de racionalidade. E, por fim, o terceiro nível de problematização trata da formação que em um dado momento teve que responder a uma urgência, possuindo uma função estratégica.

³Originalmente publicada na revista *Ornicar* nº 10, em 07/77, como: “Le jeu de Michel Foucault”. No Brasil foi publicada por Roberto Machado no livro “Microfísica do poder” – citado nas Referências – com o título: “Sobre a História da sexualidade”. Nas respostas Foucault aborda mais precisamente os três níveis de problematização presentes nos “dispositivos”.

⁴O termo rede aqui é empregado segundo as conceituações de dispositivo foucaultianas

Foucault (1979, p. 181) destaca ainda dois momentos essenciais: primeiramente o predomínio do objetivo estratégico e, em um segundo momento, a constituição do dispositivo propriamente dito. Uma vez constituído, este permanece como tal, na medida em que, tem lugar um processo de sobredeterminação funcional: cada efeito positivo ou negativo entra em ressonância ou contradição com os outros e exige um reajuste (FOUCAULT, 1979, p. 182).

O “dispositivo” é a rede estabelecida entre esses elementos (GARCÍA FANLO, 2011, p. 1). Assim, este não é algo abstrato, é uma rede situada historicamente – espacial e temporalmente – e a sua emergência sempre responde a um acontecimento que gera sua aparição. Para ser inteligível é necessário estabelecer suas condições de aparição em um acontecimento que modifica um campo prévio de relações de poder. O “dispositivo” não é externo à sociedade, assim como esta não é externa a este, da mesma forma deve ser pensada a relação entre os “dispositivos” e os sujeitos (GARCÍA FANLO, 2011, p. 6).

Entre esses elementos discursivos e não-discursivos, existem mudanças de posição, modificações de funções, certa manipulação das relações de força que de forma racional utilizam, bloqueiam, estabilizam, fazem seguir certas direções, numa função estratégica dominante (FOUCAULT, 1979, p. 182). A rede que compõe os dispositivos coloca em jogo relações de poder que dispõem e necessitam de uma ordem específica para funcionar de certa forma, do mesmo modo que um conjunto de saberes que descrevem, explicam, legitimam e respaldam a autoridade desse poder são necessários para que ele funcione de uma maneira específica. Isto implica em formas de exercício de Poder e de configurações de Saber que fazem possíveis determinados efeitos de verdade e realidade. Saber e Poder não são a mesma coisa ou duas coisas distintas exteriores uma da outra, são elementos constituintes de práticas sociais cuja relação deve ser explicada em sua singularidade.

No caso de uma instituição (assim como os museus de história natural) devemos observar a rede cujas conexões são as práticas discursivas e não-discursivas que reconfiguram sua natureza e associações com outras instituições. Analisar um “dispositivo” seria, portanto, descobrir as práticas singulares, uma vez que sua emergência responderia sempre a um acontecimento historicamente particular (GARCÍA FANLO, 2011, p. 6).

Dentre as práticas, Foucault exemplifica que no interior de uma comunidade científica podem surgir conflitos entre um cientista e as regras de formação dos “enunciados” que são aceitos como cientificamente verdadeiros (FOUCAULT, 2008b, p. 249). O sujeito não é constituinte, ele é constituído como o é seu objeto, mas não deixa de ser livre para reagir. “[...] o dispositivo é menos um limite imposto à iniciativa dos sujeitos do que o obstáculo contra o qual ele se manifesta” (FOUCAULT, 2007, p. 11). Contestar um “discurso”, desqualificar os

“enunciados”, pode ajudar a derrubar um “dispositivo”. Do mesmo modo, sem um “discurso”, não haveria para nós objeto conhecido, não existiria sujeito humano sem subjetivação (FOUCAULT, 1999, p. 45).

As regras de um dispositivo para se tornarem práticas, precisam ocorrer em situações determinadas que se apresentam aos sujeitos com infinitas variações e, em cada situação, terá que ser determinada pela aplicação da regra. A prática é uma contínua interpretação e reinterpretação do que a regra significa em cada caso particular.

Todo “dispositivo” possui uma genealogia e uma historicidade que explica o seu regime de aparição, reprodução, funcionamento e crise de onde resultará uma nova configuração da rede Saber/Poder e consequentemente novas formas de experiência.

No caso dos museus de história natural poder-se-ia apresentar essas instituições a partir dessa rede de Saber/Poder que os dispositivos buscam trazer à tona. Inicialmente, haveria a transição dos gabinetes de curiosidades para os museus modernos, consolidando uma forma de experiência relativa à ordenação e unificação de uma universalização sob o olhar de um especialista, o curador. Ter-se-ia, então, como sugerem os princípios teóricos foucaultianos, um dispositivo, baseado na rede de práticas, ordenações, normatizações efetuadas por essa instituição criada no século XIX e pautada da cientifização do denominado “[...] mundo envolvente” (INGOLD, 2000, p. 77-78) por meio da estruturação de suas coleções e formas de exposição.

Em outro contexto surgem outras configurações quando uma nova rede de práticas, regras, enunciações científicas se consolida a partir de transformações no cotidiano das disciplinas científicas, onde as coleções deixam de ser o objeto central, as áreas do conhecimento adotam o denominado “modelo de bancada”⁵. Tal transição gera novas formas curatoriais e mudanças no entendimento do papel dessas instituições museológicas.

De alguma forma, parte de cada uma das irrupções apresentadas acima, levando-se em consideração os diferentes contextos sócio-históricos, parte de cada uma das práticas referentes às curadorias e suas formas de validação e práticas cotidianas na instituição inseridas nos “dispositivos.”

No século XIX, enquanto integrante dos princípios modernos, os primeiros museus seriam espaços onde a cultura é unida, representada e invertida, como uma justaposição de

⁵O denominado modelo refere-se ao trabalho em laboratório científico, com práticas de pesquisa constantes de análise do material de coleção voltadas para estudos das áreas do conhecimento e temáticas específicas de cada pesquisador em laboratório.

objetos incompatíveis e tempos descontínuos. Incluem-se aqui as práticas de poder pela categorização e controle do conhecimento.

A partir desse entendimento, o conceito de “dispositivo” é possibilidade analítica para entender essas intencionalidades, construções, ordenações, no interior dessa rede de práticas e permitir a percepção das singularidades curatoriais nos museus de história natural de forma mais ampla, não apenas no seu aspecto de configuração discursiva, mas em toda uma relação com a configuração institucional, os regimentos e as singularidades locais de cada museu.

5 DIAFANIZAÇÕES ACERCA DOS PROCESSOS CURATORIAIS DOS MUSEUS DE HISTÓRIA NATURAL

Como referência da tese, propôs-se como entendimento metafórico, uma das práticas cotidianas realizadas nos museus de história natural em diversas coleções em álcool para estudo anatômico e até mesmo para anatomia humana. A técnica de “diafanização”, que consiste em tornar uma amostra tecidual transparente ou translúcida por meio do uso de solventes. A técnica utilizada no preparo de vertebrados de menor porte na qual seu tecido (pele) é tratado com produtos químicos de tal forma que permita a sua transparência tornando visível (com o auxílio de pigmentos) toda a formação óssea. A ideia de tornar translúcido, revelar estruturas, por meio de agentes químicos podem servir metaforicamente para pensar os processos de validação da verdade da ciência por meio dos discursos elaborados nos museus.

Figura – peixes diafanizados



Fonte: arquivo Seção de Museologia Museu Nacional/UFRJ.

Ao se buscar estabelecer relações com o processo de diafanização, as etapas remeteriam ao processo de seleção e inserção dos objetos nas coleções dos museus de história natural. Há uma relação com o fazer científico de pesquisa, o domínio de uma especialidade, de um conhecimento, na validação por pares e institucional, que autorizam os curadores a estabelecer que determinado exemplar seja o de maior relevância, possui um maior valor

científico, informacional e comunicacional (para disseminação em artigos e em poucos casos em termos expositivos) no que se refere à coleção.

Pode-se considerar da mesma forma, que as práticas e processos que resultarão nas escolhas dos curadores nessas instituições também irão se transformando e se consolidando com o tempo de acordo com interesses e relações diversas. O enrijecimento dos tecidos pode ser comparado às dinâmicas internas institucionais onde o curador é figura preponderante de autoridade, a partir de contextos institucionais, relações de poder internas do museu, espaços concedidos para que exerça tal autoridade discursiva nos processos de concepção de narrativas acerca de suas especialidades científicas.

Considera-se tese desta pesquisa que os processos curatoriais científicos podem exercer um papel dentro de uma perspectiva informacional a partir da metáfora da diafanização de “agentes clarificadores”, disponibilizar informações de forma que essas elaborassem questionamentos ou reflexões, entretanto percebe-se que aqueles que recebem institucionalmente a autoridade para decidirem quais informações serão disponibilizadas, encontram-se institucionalmente inseridos nas estruturas enrijecidas, nos esqueletos calcificados dos discursos da ciência como construção de verdade e não mais um dos discursos possíveis acerca do mundo. Tais instituições, no caso dos museus de história natural poderiam representar a calcificação de categorias estruturantes desses espaços como ciência e nação.

Considera-se que cada Departamento possui suas práticas informacionais que se originam de suas pragmáticas de pesquisa científica. Estes possuem curadores ou um curador escolhido pelos pares, sendo docente/ pesquisador e especialista na área do conhecimento referente à coleção pela qual ficará responsável. Tais processos explicitados permitem ir mais além do que a ordenação discursiva a partir das regras de formação do discurso. Ao inserir as exposições públicas nos processos de comunicação social da ciência, onde a divulgação científica é um dos meios adotados, a “diafanização” permite transparecer um “dispositivo”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas empregadas no cotidiano das instituições museológicas de história natural geram espaços discursivos de “verdades” a partir de estratégia info-comunicacional de valores oriundos da ciência. A questão da construção de “verdades” nos espaços museológicos possui múltiplas abordagens, entretanto opta-se por entender que muitos espaços de história natural ainda guardam em sua essência os princípios dos “gabinetes de curiosidades” que deram origem a esta tipologia de museu. Essas instituições apresentam, em suas exposições os

elementos materiais de uma nova cultura ou espécie, como uma nova descoberta do mundo desconhecido e reunidos como exemplares únicos, seguindo o princípio de que os museus ocidentais modernos foram gerados para guardar coleções e apresentar verdades.

No que tange à comunicação social da ciência por meio de exposições, vale ressaltar que o processo de escolha do enunciado, a forma como é apresentado e como o processo de recodificação se elabora, pode tornar-se uma simplificação que comprometa inclusive a veracidade do conteúdo divulgado. A questão estaria em disponibilizar uma “verdade simplificada” para que esta se encaixe nas limitações (físicas e conceituais) da exposição ou pressuposições de seus curadores.

O conceito de curadoria possui significados variáveis em diferentes áreas do conhecimento e espaços de preservação da memória. Há, contudo, um ponto de convergência, especificamente nas instituições museológicas, que se encontraria presente em meio a essa diversidade de concepções: a atribuição a uma figura decisória (o especialista). Este pesquisador possuidor de *expertise* possui poder de ordenação dos “enunciados” oriundos de saberes, práticas específicas e, por conseguinte, das “formações discursivas” que irão compor os “discursos” autorizados. Tal sujeito enunciativo estabelece critérios de “verdade”, gestão e comunicação dos bens materiais e simbólicos integrantes de acervos e ações⁶ institucionais.

Nos museus de história natural revela-se na instrumentalização do discurso científico como forma de saber privilegiado para a interpretação do real e em seus esforços voltados para a consolidação da “ideia de nação” por intermédio da constituição de suas coleções e narrativas expositivas. Estas narrativas constituem “formações discursivas” que irão compor heterogêneas exposições; e o “proceder à cura”, no sentido da gênese da função de curador, sobretudo nesses espaços museológicos, diz respeito a valores, legitimidade e domínio que favorecem aos discursos oficiais que integram formatações institucionais, políticas e científicas que determinam coercitivamente os papéis de narradores e de simples expectadores.

Nesse sentido, estes ambientes atuam como “formações discursivas” em que as práticas são delineadas pelos acionamentos enunciativos acerca da construção, preservação e comunicação da ciência por meio dos acervos musealizados. Tais atos de acionar os enunciados encontram sua validação a partir das lógicas e valores emanados da figura do especialista – o curador. A esse profissional é concedida a autoridade para determinar e respaldar os processos produção e circulação de “enunciados”, ou seja, da informação das

⁶ Essas ações são relativas à seleção, preservação – desde a conservação física, bem como a parte informacional acerca do objeto – documentação e inserção nas “formações discursivas” expositivas.

coleções e singularidades referentes aos saberes, e práticas a estas referentes, e que são sobrecodificados no momento de sua inserção nos acervos institucionais.

O cotidiano curatorial deve ser percebido a partir de suas irrupções discursivas específicas que conferem legitimidade às formas e conteúdos das produções museológicas. Enquanto prática ordenadora dos “discursos”, excluem as diversas possibilidades enunciativas da diferença, dos questionamentos possíveis, do conflito e da heterogeneidade das próprias práticas do fazer científico e dos saberes como um todo. Acabam por conduzir à visão homogeneizante, que visa um controle de desvios interpretativos por meio de um controle e da centralização das verdades que se voltam para o estabelecimento da ciência como um conhecimento acima dos demais e da “ideia da nação” como um contínuo unificado no tempo e no espaço.

O processo de organização da informação deve ser fundamentalmente como uma sequência organizada de interações informacionais com propósitos específicos, onde as finalidades possuem heterogêneas potencialidades, implícitas ou explícitas, relacionadas com a vida cotidiana ou meramente com a vida profissional do sujeito. Dessa forma, embora conectados pelo pertencimento à mesma instituição, em muitos casos tendo condições de serem estabelecidas conexões por meio da historicidade e na organicidade de suas práticas de pesquisa científica, funcionam em separado ou com muito poucas interações, e, quando se trata de processos curatoriais relativos à comunicação social de seus produtos de pesquisa espera-se uma convergência enunciativa, conceitual, “formações discursivas” quando no sentido foucaultiano encontram-se dispersões entre os diferentes departamentos no que se refere à informação se pensarmos nos circuitos como um todo.

Seguindo a proposta do arcabouço teórico de Foucault de perceber as irrupções e os contextos de formação dos discursos, as heterogeneidades e distanciamentos das práticas científicas geram, nos processos curatoriais expositivos, heterogêneos discursos em que cada curador estabelece seus enunciados, formações discursivas que espelham os contextos e verdades do momento em que está realizando esta diafanização.

Circuitos expositivos podem apresentar contextos curatoriais heterogêneos: várias áreas ou sub-áreas que possuem um mesmo curador; e nas exposições isso pode ser visto como uma espécie de sub-circuitos interconectados. Em outros casos é possível perceber espelhamentos de pesquisas de curadores como elementos centrais de mostras, estabelecendo outro discurso diferenciado onde a coleção não é o foco, mas os referidos grupos em diferentes contextos históricos e sociais, apresentados por meio da materialidade coletada em diferentes momentos do séc. XIX e XX. As salas de exposições que possuem curadorias

diversas, em muitos casos evidenciam construções a partir do entendimento de cada especialista que formam micro-exposições.

De certa forma, os diferentes módulos estruturados são como pequenas exposições conectadas por elementos centrais, em geral de grande porte ou de apelo pelo exótico ou pela monumentalidade. As evidências apresentadas no capítulo anterior como cores, excesso de peças, cladogramas individualizados, denotam uma leitura da natureza compartimentada por cada especialidade científica e processo classificatório.

Os discursos são heterogêneos e acionados em diferentes estratégias e de acordo com os contextos institucionais, muito embora a cada nova tentativa de estabelecimento de uma nova exposição seja como um novo ciclo informacional formado, pois o que deveria ser fluxo encontra-se interrompido nas separações de especificidade das práticas de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Caê. A curadoria como historicidade viva. In: RAMOS, Alexandre Dias (Org). **Sobre o ofício do curador**. Rio de Janeiro: Zouk, 2010. p. 45-54.

BATES, M. J. Fundamental forms of information. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 57, n. 8, p. 1033-1045, 2006.

BRUNO, Cristina. Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão do patrimônio cultural. In: JULIÃO, Letícia; BITTENCOURT, José Neves (Coords.) **Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museus:curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2008. p. 22-152.

CHRISTOVÃO, Heloisa Tardin, BRAGA, Gilda Maria. Ciência da Informação e Sociologia do Conhecimento Científico: a intertematicidade plural (Sobre "A ciência e seu público" de Léa Velho: um ponto de vista de Ciência da Informação). **Transinformação**, Campinas, v. 9, n 3, p. 33-45, set./dez. 1997.

DELICADO, Ana. **A musealização da ciência em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 1982.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 8 ed. Tradução Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 7 ed. Tradução Luiz F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura, pintura, música e cinema. In: MOTTA, Manuel Barros da (Org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Coleção Ditos e Escritos 3)

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GARCÍA FANLO, Luis. ¿ Qué es um dispositivo?: Foucault, Deleuze, Agamben. **A Parte Rei 74, Revista de Filosofia**, mar. p. 1-7, 2011

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélida. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez., 1993.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélida. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, Rio de Janeiro, n. 2, v. 5, p. 7-31, 2000.

GREGORY, Jane; MILLER, Steve. **Science in public**: communication, culture and credibility. New York: Plenum Trade, 1998.

HOPPS, Walter. Walter Hopps, In: OBRIST, Hans Ulrich. **Uma breve história da curadoria**. São Paulo: BEI Comunicação, 2010.p. 27.

HUERGO, J. A. La popularización de la Ciencia y la Tecnología: interpelaciones desde la comunicación. In: SEMINARIO LATINOAMERICANO: ESTRATEGIAS PARA LA FORMACIÓN DE POPULARIZADORES EN CIENCIA Y TECNOLOGÍA. La 2001, La Plata. **Anais...** La Plata: Red-POPConoSur, 2001.

HÚLTEN, Pontus. **Uma breve história da curadoria**. São Paulo: BEI Comunicação, 2010. p. 55-67.

HUVILA, Isto. The politics of boudary objects: hegemonics interventions and manking of a document. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 62, n. 12, p. 2528–2539, 2011.

HUVILA, Isto. To whom it may concern? the users and uses of digital archaeological information. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTER APPLICATIONS AND QUANTITATIVE METHODS IN ARCHAEOLOGY (CAA), 35., 2007. Berlin. **Proceedings ...** Berlin, 2006.

JULIEN, H., GENIUS, S. K. Librarians' experiences of the teaching role: a national survey of librarians. **Library & Information Science Research**, v. 33, n. 2, p. 103-111, 2011.

KLEIN, Otávio José. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. **Estudos da Comunicação**, n. 1, p. 215-231, 2007.

KNELL, S. J. The roller-coaster of museum geology. In: S. Pearce (Org.). **Exploring science in museums**. London: The Athlone Press, 1996. p. 29-56.

LOS 15 MUSEOS más visitados Del mundo em 2014. [Madrid]: 2015. Disponível em: <<http://evemuseografia.com/2015/01/07/los-15-museos-mas-visitados-del-mundo-en-2014/>>. Acesso em 5 jan. 2015.

LOUREIRO, José Mauro M. **Representação e museu científico**: o instrutivo aparelho de hegemonia (ou: uma profana liturgia hegemônica). 2000. 189. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)– Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MARTÍNEZ, Eduardo. La pirámide de la popularización de la ciencia y la tecnología. In: MARTÍNEZ, Eduardo, FLORES, Jorge (Org.) **La popularización de la ciencia y la tecnología**: reflexiones básicas. [Cidade do México]: Fondo de Cultura Económica, 1997.

MEDAWAR, Peter Brian. **Os limites da ciência**. São Paulo: UNESP, 2008.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório da História**: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: ANAIS DO MUSEU PAULISTA, São Paulo: Edusp, 1993. p. 9-42.

OBRIST, Hans Ulrich. **Uma breve história da curadoria**. São Paulo: BEI Comunicação, 2010.

PANESE, Francesco. Les régimes muséologiques dans le domaine des sciences. In: M. PELLEGRIN (Org.). **Sciences au muse, sciences nomades**. Genève: Georg Éditeur, 2003. p. 7-28.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIDOLFO, J; HART-DAVIDSON, W; McLEOD, M. Balancing stakeholder needs: Archive 2.0 as community-centred design. **Ariadne**, 2010. Disponível em: <<http://www.ariadne.ac.uk/issue63/ridolfo-et-al>>. Acesso em: 10 out. 2012.

SÁNCHEZ MORA, Ana María. **A divulgação da ciência como literatura**. Tradução: Silvia Pérez Amato. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

TRANT, J. Emerging convergence? thoughts on museums, archives, libraries, and professional training. **Museum Management and Curatorship**, v. 24, n. 4, 2009. p. 369–387.

USHERWOOD, B., WILSON, K., BRYSON, J. Relevant repositories of public knowledge?: libraries, museums and archives in 'the information age'. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 37, n. 2, p. 89-98, 2005.

VINCK, Dominic, **Sociologie des sciences**. Paris: Armand Colin. 1995.